
ENTREVISTA 4 – E4

E – Sexo feminino, e a idade?

E4 – 38!

E – E o teu grau académico é...

E4 – Ainda sou Bacharel, mas estou a terminar o Complemento na Escola de Portalegre.

E – Vamos então falar um bocadinho do teu percurso de formação... Em relação à formação inicial, qual é que achas que foi o contributo para a função de orientação de alunos? Ou seja, qual o contributo do Curso de Enfermagem, para a orientação de alunos em Ensino Clínico?

E4 – Bom... Em termos de teoria, teoria, não me lembro de ter aprendido nada no Curso-Base... Assim, específico de orientação, não... Não tive nenhuma cadeira que o contemplasse... Mas, se falarmos em termos da prática... Aí já é diferente... Mesmo estando num papel diferente, na altura... Porque era aluna, tive bastantes exemplos práticos de orientação... Porque tive vários orientadores... E deu para ver e viver vários quadros... Quer positivos, quer negativos também! E portanto, neste sentido, deu para aprender umas coisas, por mim mesma... Como por exemplo, o quão importante é, não deixar o aluno sozinho a trabalhar, ou então, o quão importante é, não fazer tudo pelo aluno, ou seja não deixá-lo fazer nada... Isto foram situações pelas quais passei enquanto aluna em estágio, e como para mim foram negativas, actualmente na pele de orientadora, tenho estes pormenores em atenção... Se foi mau para mim, enquanto aluna... Também não será correcto fazê-lo para com os meus alunos...

E – Pois... E agora em relação ao teu percurso de formação contínua... Fizeste algum tipo de formação, na área da formação em geral, ou na área da orientação, mais em particular?

E4 – Em relação à formação em geral... Fiz um curso de Formação Inicial de Formadores, para aí com 90 horas, e que me deu bastante gozo fazer, e aprendi imensas coisas lá... Agora, formação em relação à orientação de alunos... Não! Nunca fiz nada nessa área tão específica.

E – E esse curso que fizeste na área da formação, contribuiu de alguma forma, para as funções de orientação de alunos? Ou não?

E4 - Bom... O Curso de Formadores, eu fi-lo por interesse próprio... Porque, gosto da área e é sempre bom aprender coisas novas... E como nessa altura estava para entrar para o Complemento de Enfermagem... Convinha saber e treinar apresentações de trabalhos, como fazê-los correctamente, ou seja, aprender como ensinar!... Por isso, juntou-se o útil ao agradável! E claro que este curso, foi mais uma achega para as funções de orientação, porque aprendemos sempre algumas estratégias para melhor ensinar e poder transmitir conhecimentos... Mas, na minha opinião, todo o tipo de formação que fiz até hoje, é importante para a orientação de alunos, e não só a formação limitada à área da formação! Eu fiz frequentei algumas formações ou pequenos cursos que contribuíram em muito, para a orientação... Por exemplo, um curso de reanimação, até mesmo um curso de Ética e Deontologia que fiz há uns anos atrás... Ou um outro curso de gestão de conflitos, outro de gestão de equipas e liderança... Fiz também um sobre Diabetes... Outro sobre a dor na criança... Quer dizer todos eles contribuíram para as funções de orientação de alunos, quer seja de forma directa ou indirecta mas, contribuem sempre com algo... Porque se o orientador aprende algo novo, isso vai-se reflectir no seu comportamento, na sua maneira de agir... Ou seja, toda a formação feita pelo enfermeiro orientador, é importante e reflecte-se no processo de orientação.

E – Ok... E qual o teu investimento na auto-formação?

E4 – A Auto-Formação é um aspecto que eu acho bastante importante... Quer a nível formal, quer a nível informal... O saber não ocupa lugar, há sempre espaço! Eu aposto e invisto bastante, principalmente a nível informal, através da minha própria experiência, e da dos outros colegas... Isto porque na nossa profissão, é muito importante partilhar e discutir os conhecimentos, ou o dar a conhecer novos saberes uns aos outros, porque só assim é que crescemos... É mau quando uma pessoa sabe uma coisa nova, útil á nossa prática, e não a partilha com ninguém... É mau quando as pessoas querem o saber só para si... E há pessoas assim... Infelizmente há... Mas, eu não tenho essa postura, e portanto, gosto de partilhar o que sei, o que aprendi, com as pessoas que fazem o mesmo comigo, e assim crescemos juntos e trabalhamos com o mesmo objectivo... O de cuidar cada vez melhor, cada vez com maior

qualidade... E isto, aplica-se aos alunos que tenho orientado, eu ensino-lhes aquilo que sei... E também oiço o que eles têm para me ensinar... Por isso, é muito importante estarmos actualizados, e dentro dos assuntos para podermos orientar os alunos, cada vez com mais qualidade, porque estamos a contribuir para a formação de novos profissionais...

E – Agora em relação ao teu Projecto Profissional... A Formação ou a orientação de alunos, faz parte do teu projecto?

E4 – Sim, faz! Orientar é uma actividade que eu gosto muito de fazer, e por isso, faz parte do meu projecto desde há bastante tempo... E relativamente à formação em si, tenho previsto tirar uma especialidade a médio prazo... Aaaa... Talvez na área da Saúde Comunitária, porque como é uma área tão abrangente... É um campo que me interessa bastante! Para além de que a Saúde Comunitária é o futuro... E pronto, e pretendo continuar a frequentar os cursos, ou acções de formação, ou formação em serviço, que eu ache que são úteis para mim... Quer a nível profissional, para melhorar os meus cuidados, quer a nível, mesmo que indirecto, quer a nível da própria formação de alunos... Porque como eu já disse, para mim, qualquer tipo de formação é uma achega para a orientação de alunos... Eu, ao aprender algo, depois posso sempre transmitir esse algo que aprendi, ao aluno... Portanto, a formação é sempre uma conta de somar! (risos)

E – Ok... Falando agora um bocadinho sobre o teu percurso profissional... Trabalhas há quantos anos?

E4 – Já trabalho há 15 anos!

E – E por que serviços, ou Hospitais passaste?

E4 – Sempre trabalhei na Estefânia... Mas, quando comecei a trabalhar, fui para o 2-1, que é o serviço de Medicina da 1ª Infância... Enfermaria. Fiquei lá um ano e meio, mais ou menos... E depois fui para o SUP! Onde já estou há 13 anos!

E – Tiveste algum duplo?

E4 – Não! Nunca tive nenhum duplo!

E – E em relação a cargos ocupados? Que cargos ou funções desempenhaste até hoje?

E4 - Enfermeira sempre!... (risos)... As minhas funções são as inerentes à categoria de enfermeira graduada...

E – E qual é o teu vínculo ao Hospital?

E4 – Sou do Quadro.

E – Pois... Então, vamos lá a clarificar melhor o teu percurso de orientadora... Desde quando e onde começaste a orientar alunos?

E4 – Comecei a orientar... Mais ou menos há 9 anos atrás, não tenho bem a certeza absoluta, mas... E sempre aqui no SUP... Ou seja, comecei a orientar com 6 anos de profissão, e com 4 anos e meio de experiência no SUP...

E - E quantos alunos tiveste até agora?

E4 – Tive aí uns 4 alunos... Uns do 3º Ano... Outros do 4º Ano...

E – E os estágios eram obrigatórios? Ou opcionais?

E4 – Não! Era tudo estágios obrigatórios! Que faziam parte da Pediatria dada no curso... E que, normalmente, agora a Área da Pediatria está sempre associada ao 3º - 4º Ano...

E – E tiveste mais que um aluno ao mesmo tempo? Ou não?

E4 – Não! Sempre um de cada vez! (risos)... Na Urgência era incomportável ter mais do que um aluno ao mesmo tempo! Às vezes ter um só, já é complicado... Quanto mais, ter mais que um! Bem mas, há uns anos atrás era diferente... Aí há uns 10 anos atrás as coisas funcionavam doutra maneira... Eram outros tempos... Outra chefia... E sinceramente, não era dada a importância devida aos estágios e aos alunos, ou seja... Os alunos passavam por cá mas, só em estágios de observação... Ficavam cá aí uns 2 ou 3 dias, e não tinham especificamente um tutor ou um orientador destinado... E quem fazia a distribuição deles era a chefe do serviço... Até porque, não faziam turnos, ficavam só nas manhãs a observar o funcionamento, e a dinâmica do serviço... Por isso, no fundo, todos nós éramos responsáveis pelos alunos (quem estivesse no turno da manhã), porque eles eram distribuídos pelos postos, e o enfermeiro responsável pelo aluno nesse turno, era o enfermeiro correspondente a esse mesmo posto de trabalho...

E - Ok... Agora diz-me, ou explica-me, qual é a tua motivação para a orientação de alunos?

E4 – O que é que me motiva? Olha... O que me realmente motiva e interessa na orientação de alunos, é a partilha de conhecimentos. Tanto de mim para eles, como deles para mim! Porque a aprendizagem é um processo activo e dinâmico, e que não tem um sentido único, eles aprendem comigo, e eu

aprendo com os alunos! É um aprender recíproco e partilhado. Os alunos mantêm-me mais actualizada e atenta a tudo. Sinto necessidade de procurar mais informação, e cultivar mais o meu conhecimento, para lhes poder ser mais útil, para lhes poder ensinar mais e melhor. Até porque os alunos são a esperança do futuro, e é muito bom sentir que, de alguma forma, nós contribuímos para a formação desses futuros profissionais, que se calhar daqui a uns tempos até vêm trabalhar para o nosso lado! O que não seria a primeira vez... Porque alguns dos colegas que temos hoje no SUP (e que até já orientam alunos!), também já foram alunos no SUP, antes de serem profissionais do SUP! (risos)... Gostaram tanto do estágio, e o estágio correu tão bem, que quando terminaram o curso, quiseram vir trabalhar para o SUP!

E – E de quem partiu a proposta para orientares alunos?

E4 – Quer dizer... Quem faz a proposta propriamente dita, é o chefe do serviço, mas ele também se baseia no Projecto Profissional de cada um...

E – Pois... E agora, diz-me o que para ti, significa orientar alunos em estágio?

E4 – De uma maneira clara, simples e objectiva, orientar alunos, significa: preparar novos profissionais, através da aproximação da teoria dada na Escola, com a realidade da prática clínica. Pronto! É isto! (risos)...

E – E em relação às competências do enfermeiro orientador? Que competências é que deve ter?

E4 – Bom... Aaa... Orientador ideal, ou perfeito, acho que não existe... Até porque tudo na vida é relativo, o que é ideal para um aluno, pode não ser ideal para outro... Mas, há determinadas características ou requisitos, ou competências que os orientadores devem ter... Como por exemplo, maturidade e experiência profissional... Também devem ser profissionais responsáveis, e pessoas íntegras, e devem ter um discurso bastante assertivo... Claro, directo e objectivo...

E – Relativamente, á caracterização das práticas pedagógicas, que estratégias é que adoptas para a orientação dos alunos?

E4 – Em primeira linha, há que fazer a integração do aluno, na equipa e no serviço... Dinâmica, funcionamento, organização do trabalho... Depois, há que ter em conta os objectivos do estágio, que vêm no guia de orientação de estágio da Escola a que eles pertencem... Há que fazer a planificação e a

organização do estágio, com o aluno, e... Depois ao longo do estágio, vamos partilhando os nossos conhecimentos... Vamos discutindo as situações... Quer as que ocorreram, quer as que possam, eventualmente, ocorrer... Como as resolvemos, ou como as deveríamos ter resolvido... Etc...

E – E então como é que fazes a gestão do estágio, propriamente dita? Sempre fizeste igual?

E4 – Sigo o guia da Escola e tento coordenar isso com os próprios objectivos de estágio dos alunos. Tento corresponder às expectativas do aluno, porque para mim, os alunos é que são os donos do estágio, e portanto, o estágio será aquilo que eles quiserem... Eles são responsáveis pela sua aprendizagem, o SUP é um óptimo campo de estágio, os alunos só não aprendem se não quiserem! Eu não posso obrigar ninguém a aprender, se esse alguém não quiser! Agora se esse alguém mostrar interesse e tiver iniciativa, aí eu serei a primeira a dar todo o meu apoio e a primeira a ensinar tudo o que puder! Para mim, só pode haver aprendizagem, se as duas partes (orientador e aluno) seguirem a mesma estrada, para chegar ao mesmo destino! Esta é a minha filosofia, e sempre foi! Os alunos são adultos, e já não estão na escolaridade obrigatória onde são obrigados a aprender à força... Estão num curso superior porque, em princípio, querem e gostam... Portanto, terão que investir em si, e no alargamento do seu conhecimento...

E – Pois... E colaboras nas actividades dos alunos? Que tipo de actividades?

E4 – Claro que sim! Apoio em todas as actividades! Desde trabalhos sobre alguma doença específica, ou estudos de caso, ou ajudo-os nos planos de cuidados que alguns têm que fazer a pedido da Escola... Ou seja, umas actividades sugiro eu... Outras são a Escola que propõe... E outras até é o próprio aluno que diz que quer fazer! Mas, sim! Colaboro em tudo! É essa uma das minhas funções como orientadora... (risos)

E – Ok... E que aprendizagens fizeste com essa colaboração?

E4 – Olha, aqui há uns anos, tive uma aluna excepcional! Como durante o estágio, apareceram muitos casos de Varicela, ela resolveu fazer um trabalhito... Uma pesquisa caseira, sobre os efeitos secundários da Varicela, sobre as sequelas, que a Varicela poderia deixar... Eu na altura falei-lhe das sequelas mais comuns, mas mesmo assim ela insistiu em fazer a tal

pesquisa... E no turno que fizemos a seguir, ela trouxe umas folhas com todas as sequelas possíveis e imaginárias ligadas à Varicela! Bem, mas um documento completíssimo! E tinha lá coisas que eu nem sequer sabia que poderiam acontecer! Estudámos as duas, lemos tudo com atenção, discutimos, pusemos dúvidas, fizemos suposições... Sei lá! Gostei imenso! E aprendi imenso com a pesquisa daquela aluna!

E – Agora explica-me como é que fazes a supervisão e a avaliação dos teus alunos... E já agora, diz-me se sempre fizeste da mesma maneira.

E4 – A gestão do planeamento dos cuidados a prestar, é uma gestão partilhada... Acordamos, combinamos, discutimos, esclarecemos dúvidas... Eu explico, faço, ou demonstro como fazer, e o aluno vê... Esclarecemos dúvidas, explico algo que tenha ficado por explicar... Depois, quando o aluno se sente capaz, e sempre com o meu apoio e presença, faz ele e eu ajudo ou então faz mesmo tudo ele... E eu fico ali ao lado a dar apoio. E claro, ao mesmo tempo vou fazendo a avaliação... E depois da tarefa feita, voltamos a reunir e discutir o assunto... Como foi o seu desempenho, o que deveria ter feito, que não fez... O que fez bem, o que fez mal, o que melhorar... E quando houver uma nova oportunidade para executar essa mesma tarefa, voltar a avaliar o seu desempenho, e verificar se a nossa discussão anterior teve frutos ou não... E depois voltar a falar com o aluno, acerca do seu segundo desempenho naquela tarefa... Já devia ter melhorado neste aspecto, ou então melhorou muito neste aspecto mas, esqueceu-se de outro aspecto qualquer... E assim sucessivamente... E sim! Sempre fiz desta forma... Explicar, demonstrar, fazer, discutir, fazer novamente... E apoiar! Sempre ao lado!

E – E agora explica-me como é que fazes a mobilização e a transmissão dos saberes.

E4 – Então, como já disse há pouco, a transmissão dos saberes e dos conhecimentos, eu faço-o principalmente, através da discussão de situações pelas quais passámos ou estamos a passar... Eu e o aluno! Explico, ou pelo menos tento... Explicar no momento em que está a ocorrer... Porque é importante para os alunos perceberem as coisas no momento em que elas estão a acontecer, no momento em que eles próprios estão a viver essas mesmas situações! Mas, às vezes isso não é possível... Como por exemplo, se estamos numa reanimação... Eu não posso explicar grande coisa... Mas,

combino com o aluno, acordo com ele que ele observa, e depois quando a situação estiver resolvida, eu vou-lhe explicar o que se passou, o que foi feito... E vou esclarecer-lhe todas as dúvidas que ele possa eventualmente ter... E depois no meio dessa explicação vou tentando, também, colocar situações hipotéticas numa tentativa de lhe poder transmitir mais conhecimentos... Ou seja, tento transmitir conhecimentos teóricos através das situações vividas, porque o segredo está em fazer os alunos pensar e associar os conhecimentos da Escola, às situações da prática...

E – Fazendo agora um balanço do teu percurso de orientação, quais foram os momentos mais marcantes? Situações positivas, menos positivas... E exemplos.

E4 – Uma situação bastante positiva que tive, foi... Aaa... Logo na primeira vez que tive uma aluna, por um período longo de tempo, foi uma aluna com capacidades acima da média! Já tive outros alunos mas, até hoje nunca encontrei nenhum como ela! Foi muito boa a experiência! Aprendi mesmo muito! Principalmente, em termos teóricos! Pormenores de certas doenças, que eu não sabia, patologias novas, novos tratamentos... Enfim! Foi mesmo uma orientação muito positiva e de uma aprendizagem muito rica em ambos os sentidos: orientador-aluno e aluno-orientador. Foi a melhor nota de estágio que eu dei até hoje! E foi a nota que mais gozo me deu, dar! (risos)... E a prova de que foi mesmo um momento muito rico e positivo, é o facto de ainda hoje contactamos uma com a outra... É muito bom para mim, como orientadora, ver quando o aluno, perante uma determinada situação, a aborda com segurança, e toma atitudes capazes de resolver essa mesma situação... É bom ter alunos interessados e com vontade de aprender mais, e mais... Porque assim, estão a facilitar a aprendizagem deles e a nossa orientação, simultaneamente... A partir deste momento, desta primeira “longa” orientação, tornei-me ainda mais exigente como orientadora... Porque, como tive a sorte de me calhar o melhor... Agora tenho tendência para exigir sempre mais um bocadinho aos alunos que vou tendo... (risos)

Agora, uma situação menos positiva... Bem... Tal como já tive a sorte de ter a “super aluna”... (risos)... Também já tive o “super aluno” mas, desta vez, o “super mau aluno”!!! (risos)... E foi uma péssima experiência de orientação! Este aluno que tive, entre muitas coisas... Faltava sem avisar, nem me avisava

a mim, nem sequer ao serviço... Faltava e pronto! Era muito desinteressado, não procurava situações de aprendizagem, não punha dúvidas, não perguntava nada, nem fazia nada... Para além de que em termos teóricos, quando eu o abordava, já que ele não me abordava a mim... Era muito fraco mesmo... Em termos técnicos, nem tive muita oportunidade de o ver, porque faltou tantas vezes, que foi difícil observar essa parte... Enfim, foi uma orientação atribulada, porque para mim também foi um pouco complicado de lidar com esta situação... Não sabia bem como abordá-lo... Porque ainda por cima era uma pessoa muito introvertida... Mas, acabei por expor-lhe a situação, e pôr as cartas na mesa, e dizer abertamente que: ou ele mudava de atitude, ou eu não tinha alternativa e tinha que o chumbar... Ele, manteve-se impávido e sereno, quase sem expressão, disse que estava bem... E nunca mais apareceu no estágio! Depois vim a saber pela professora que desistiu do ano... E retomaria os estudos nos ano a seguir! Escusado será dizer que, no ano a seguir ele regressou ao SUP, para fazer o mesmo estágio que tinha ficado para trás... Mas, nessa altura já não ficou comigo como orientadora... O chefe pôs outra pessoa a orientá-lo... (risos) E agora... O que é que eu aprendi com isto? Aprendi que as cartas são para pôr na mesa o quanto antes! Porque há situações, como esta, que não é suposto acontecerem... Não volto a dar o benefício da dúvida antes de esclarecer a situação, o sucedido, com a própria pessoa... Aquela lógica do “deixa estar, ele não volta a fazer...” ou, “se calhar esqueceu-se”, “ou são jovens, não pensam”... Essa lógica comigo não funciona! São adultos e como tal, têm que ser responsáveis e quando não o são, devem ser responsabilizados na hora! Porque situações destas não se podem repetir nem arrastar, porque estamos a formar futuros profissionais, que vão trabalhar ao nosso lado, ou que se calhar até irão tratar de nós próprios e dos nossos!... Portanto, não vamos contribuir para a (de)formação deles... (risos)

E – Pois... Falando agora das dificuldades inerentes à orientação... Que tipo de dificuldades encontraste neste teu percurso de orientação? E como é que as superaste? Dá-me exemplos... Se te lembrares!

E4 – Então, como já disse, tive dificuldades relacionais... Com o tal aluno complicado... Não sabia como havia de fazer, de o abordar... Neste caso, ía pedindo opinião aos meus colegas de equipa... Tive também, algumas

dificuldades em responder, por exemplo, a dúvidas relacionadas com conhecimentos teóricos, em que tive que ir pesquisar em casa, indo à Net ou aos livros, para poder responder ao aluno no dia seguinte... Ou então, perguntar a colegas meus, presentes na altura, para tentar dar a resposta o mais breve possível... Ou recorrer, por exemplo, à chefia... Também já aconteceu! (risos)

E – E que contributos retiraste tu, dessas dificuldades ultrapassadas, para a orientação de alunos?

E4 – Que contributos? Olha, ao pesquisar na teoria, a resposta às perguntas dos alunos, aprendi imenso! E assim, dava para responder às perguntas deles a aprender sempre mais um bocadinho, porque quando é assim, uma pessoa tenta sempre ir além da resposta pretendida... Tento sempre aprender mais alguma coisa para além do que o aluno quer saber... E assim, vou acumulando e reciclando conhecimentos, para futuramente, poder também transmitir a alunos que venha a ter! Em relação à dificuldade relacional que tive, aprendi que as coisas, sejam elas quais forem, são para serem resolvidas o quanto antes, e não para serem arrastadas... Mas, isto quer na orientação de alunos quer na nossa própria vida! Pessoal e profissional!

E – E como profissional? Alteraste algum comportamento ou postura?

E4 – Como profissional? Se alterei algum comportamento... Huum... Alterar, alterar... Assim especificamente... Acho que não mas, tenho por exemplo, mais curiosidade e vontade de saber coisas novas (para além de ter que ter em mente, os protocolos do serviço), para estar sempre actualizada e cada vez mais! Porque, o mundo também está sempre a mudar e nós quer como pessoas, quer como profissionais formadores (neste caso), temos que nos manter sempre alerta e informados!

E – Então agora fazendo assim um tipo de um resumo... Que tipo de aprendizagens adquiriste ao longo do teu percurso de orientadora?

E4 – Aprendi sobretudo que, quem tem alunos está sempre a ganhar! Porque está sempre a aprender, de uma forma ou de outra! Tanto aprendes coisas da teoria pura, como aprendes coisas da vida, porque acima de tudo, estamos a lidar com pessoas, e cada uma tem a sua experiência de vida pessoal... Aprendemos a nível relacional, também... Porque cada aluno tem a sua personalidade... Também podes aprender a nível técnico! Porque às vezes os

alunos trazem umas ideias novas, que aprenderam, ou viram fazer noutro estágio, e que podem ser úteis para nós, no nosso serviço... Sei lá! Aprendemos muita coisa mesmo! Por isso, orientar para mim, é uma actividade muito gratificante e compensadora do trabalho que dá, e da responsabilidade que temos durante a sua realização...